

Herança racial na Bahia é uma teia

A população baiana já alcançou 97% de mistura genética total; ninguém é de todo branco ou preto

FOTOS: GILDO LIMA

CLEIDIANA RAMOS

Tereza, 13 anos, é branca, cabelos louros e olhos verdes. Andréa, também de 13 anos, é negra, cabelos escuros e encaracolados. Rana, 7 anos, tem a pele mais clara que a de Andréa, olhos escuros e cabelos escuros. As três são primas em primeiro grau e descendem, pelo lado materno, de Celestina Pereira, sua bisavó e que tinha pele escura. Em resumo: a loura Tereza tem o mesmo sangue africano que deu um tom mais escuro à pele de Andréa e o tom intermediário à pele de Rana.

As três representam o quanto é intrincada a questão racial no Brasil, especialmente na Bahia. Falar em raça pura por aqui, tanto do lado branco como do lado negro, só se sustenta do ponto de vista político.

Para os brancos, a pureza funcionaria como equidistanciamento do que sempre foi visto como "raça inferior". Para militantes dos movimentos de afirmação da identidade negra, assumir-se 100% negro é uma forma de se fortalecer diante de uma situação desigual que tem raízes firmadas na questão racial.

PAN-MIXIA - Mas estudos biológicos, antropológicos e o senso comum vão por outro caminho. Na Bahia, segundo este viés, ninguém é negro ou branco. "A população da Bahia, assim como a de todo o Nordeste brasileiro, já alcançou 97% de pan-mixia total", aponta a médica e PhD em genética Eliane Azevedo, professora titular da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs). Há três décadas a professora Eliane dedica-se a pesquisas de raça, com 40 trabalhos científicos publicados na área. Pan-mixia é a mistura genética entre raças, que existe mesmo sem ser aparente.

Estudando a chamada frequência gênica das populações, a partir da amostragem de tipos de sangue, com a ajuda de programas especiais de computador, a pesquisa da professora mostra que, na Bahia, entre os brancos mais brancos existe cerca de 18% de ancestralidade negra, remota e inaparente, e de 18% de ancestralidade indígena. Dentre os pretos mais pretos, o percentual de ancestralidade branca é de 28% e o de indígena é de 5%.

"Isto não se aplica a uma pessoa só. Estamos falando de frequência da população", destaca Eliane. Segundo ela, o processo de miscigenação é ininterrupto. "O número de mulatos cresce e o de brancos e de negros diminui", aponta.

A invenção do mulato

Sempre que se falou sobre questões raciais, o mulato foi indefinido. Não era nem preto nem branco. Na verdade, funcionava um pouco como aquele que transitava nos dois lados sem ser de nenhum.

Nos anos 70 do século XX, sua existência passou a ser ainda mais complicada. Com o surgimento dos movimentos de auto-afirmação da identidade negra, não ser branco era sinônimo de ser negro. Ficar no meio-termo passou a ser visto como politicamente incorreto.

"O mestiço baiano foi fazendo opções ou para a negritude absoluta ou para a sua negação. Muitos que, na década de 40, seriam considerados mulatos hoje se dizem negros ou brancos", analisa o historiador Cid Teixeira, 77 anos.

Áf entram em cena os mitos para explicar o escurecimento que, vez ou outra, aparece num membro de determinada família. "Nunca confirmei um caso de alguém que fraudasse a documentação para esconder um antepassado africano, mas qual é o baiano que nunca ouviu



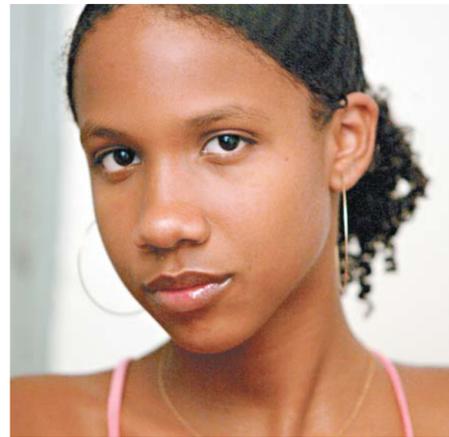
Tereza Cândida Souza Rebouças (13 anos)

Neta de Celestina e filha do casal Edevaldo e Ana. Está cursando a 8ª série do ensino fundamental. Conta, divertida, que já está cansada de explicar a todo mundo que o louro dos seus cabelos é natural



Rana Rocha Rebouças (7 anos)

Neta de Celestina e filha do casal Nivaldo e Olinda. Rana está cursando a 3ª série e diz que adora brincar.



Andréa Rebouças Rocha (13 anos)

Neta de Celestina e filha do casal Nelma e André. Está cursando a sétima série. Gosta de estudar e é considerada uma das melhores alunas da Escola Pererê, onde estuda. Quer ser psicóloga quando crescer.



Edevaldo Almeida Rebouças (35 anos) e Ana Gracia Souza Rebouças (33 anos)

São os pais de Tereza e moram em Marçionílio Souza. Edevaldo é filho de Celestina. Professor, atualmente trabalha na prefeitura local. Ana Gracia também é professora.



Olinda Albertina Rocha Rebouças (43 anos) e Nivaldo Almeida Rebouças (42 anos)

Os pais de Rana moram em Iaçu. Nivaldo, filho de Celestina, trabalha na Ferrovia Centro Atlântica (FCA). Olinda é funcionária da Embasa.



Nelma Almeida Rebouças Rocha (40 anos) e André Damiano Rocha Filho (47 anos)

Os pais de Andréa moram em Iaçu. Nelma é filha de Celestina. André é ferroviário aposentado.



Celestina Almeida Rebouças (70 anos) e Raimundo Ribeiro Rebouças (1929-1971)

Ela é filha do casal Idalina e Herculano. Teve sete filhos. Seu marido era comerciante e foi vereador pelo município de Marçionílio Souza, 329 km de Salvador. Celestina mora em Iaçu, a 275 km da capital.



Idalina Sodré Almeida (1912-1965) e Herculano Costa Almeida (1910-1975)

O casal também viveu em João Amaro. Idalina é a quarta filha do casal Celestina e Tertuliano. Eles viveram em João Amaro e tiveram dez filhos.

■ TOM SOBRE TOM

O parentesco entre Tereza, Andréa e Rana é uma demonstração de quanto é frágil a linha que determina características específicas para cada raça.

Essa miscigenação marcou de forma incontestável a própria história da humanidade. As diferenças aparentes, que acabaram servindo para a classificação das raças, foram uma necessidade de sobrevivência.

Quando todos estavam na África, a melanina, substância que escurece a pele, era necessária para bloquear os efeitos nocivos dos raios ultravioleta do sol.

Nos locais de pouca radiação solar, como as áreas nórdicas, a melanina era um problema.

Apesar dos raios solares serem prejudiciais em alguns aspectos, eles têm importância para iniciar a formação na pele de vitamina D, necessária para o desenvolvimento dos ossos e do sistema imunológico. A pele então foi clareando para possibilitar melhor a absorção dos raios ultravioleta que eram limitados.

Nas regiões de clima intermediário tornava-se necessário um pouco mais de melanina na pele para protegê-la do sol. Assim começava a diferenciação na aparência dos povos, de acordo com sua posição geográfica. Aqui no Brasil tons diferentes de pele se reencontram e o caldeirão multirracial continua a ferver.

■ QUAL A SUA COR?



"Minha cor é parda na certidão de nascimento. Acho que sou pardo pois no Exército disseram a mesma coisa"

CRISTÓVÃO BARRETO JÚNIOR, 23 anos, estudante



Celestina Pereira dos Santos (1866-1980) e Tertuliano Tolentino Sodré (1873-1968)

O casal morou em João Amaro, distrito do município de Iaçu a 275 km de Salvador. Ela, como a maioria das mulheres de sua época, viveu para o trabalho de casa e criação dos sete filhos. Ele começou a vida como pecuarista, depois virou agricultor.

MISCIGENAÇÃO

Entre os **BRANCOS** mais brancos há

18%

de ancestralidade negra e

18%

de ancestralidade indígena.

Entre os **PRETOS** mais pretos há

28%

de ancestralidade branca e

5%

de ancestralidade indígena.